

Mitos gráficos e o tecer de sinestésias em linguagens

Graphical myths and the weaving of synesthesia in languages

DOI

[http://dx.doi.org/10.11606/](http://dx.doi.org/10.11606/2179-0892.ra.2017.132083)

2179-0892.ra.2017.132083

Maria Raquel da Cruz Duran

🏠 Universidade de São Paulo | São Paulo, SP, Brasil

✉ raquelduran@usp.br

FAUSTO, Carlos e SEVERI, Carlo (org.) 2015. Palavras em imagens: escritas, corpos e memórias. Marseille, OpenEdition Press, vol.1, 184p.

Os diversos autores que compõem *Palavras em imagens* demonstram, abordando variados contextos etnográficos, a armadilha que é pensar as tradições oral e escrita como partícipes de um processo evolutivo, em que a primeira seria menos elaborada que

a segunda. Em particular, fazem-no por meio da análise de processos de fabricação de corpos e memórias, destacando que estes se dão por meio de imagens e palavras, entendidas como sistemas de ações e relações, fundadas “não mais sobre os tipos de meio de expressão utilizados, mas sim sobre a relação entre os meios semióticos mobilizados” (:18).

Ao incorporar cantos, desenhos, objetos, petróglifos, etc. como componentes da tradição oral – diferentemente do que o Ocidente costuma fazer – esta coletânea dá nova vida aos estudos da arte dos povos não-ocidentais, resgatando-os de certa tendência etnocêntrica que caracterizou o seu passado. Neste sentido, esta obra alimenta uma reflexão radical sobre as posturas antropológicas diante da arte dos povos não-ocidentais.

A literatura de cordel, o complexo bovino mursi, os petróglifos tukano, os desenhos de Tulupele Wayana, as artes verbais e gráficas marubo e as miçangas entre os Kaxinawa inspiram considerações teóricas que, em lugar de pensar as culturas como textos (tradição escrita) ou códigos (tradição oral) – conforme a representação iconográfica, construída pelos modelos linguístico e simbólico – apresentam estruturas narrativas, que se articulam em produções visuais.

Em geral, os autores reunidos nesta coletânea contribuem com a proposição de Severi (2007), de que os elementos gráficos, de modo semelhante à tradição escrita, criam uma memória social, utilizando de “fórmulas repetidas fáceis de

reter na memória, para introduzir através da repetição uma série de variações” (Severi, 2007: 45). Este paralelismo entre sistemas organizados de conhecimento e conjuntos gráficos sistematizados está presente nas leituras que os diversos autores do livro efetuam acerca do próprio material etnográfico.

Considerando a concepção geral, que alinhava as partes do livro de modo a dar coerência ao todo, podemos dividi-lo em dois grandes subtemas. No primeiro, Marco Antônio Gonçalves (“Imagem-palavra: a memória e o verso no cordel contemporâneo”), Mataliwa Kulijaman e Pierre Déléage (“Desenhos de monstros, padrões gráficos, escritura: em torno de um texto wayana”) e Pedro de Niemeyer Cesarino (“Cartografias do cosmos: conhecimento, iconografia e artes verbais entre os Marubo”) apontam para a inadequação da separação oral/escrita, bem como para a restrição da denominação ocidental do oral.

Gonçalves expressa uma tensão entre as figuras do versador/declamador/repentista e do poeta/escritor/cordelista, em que o repentista seria mais hábil em “entregar” o cordel ao público, por saber “formar sua imagem”, ao passo que o cordelista apenas se aproximaria do mesmo efeito, com a ajuda da xilogravura. Mataliwa Kulijaman e Pierre Déléage, por sua vez, por meio da análise das diversas narrativas sobre o monstro Tulupele, demonstram as interações entre tais variações e as formas física, mítica e/ou gráfica do monstro. Para tal, constroem tanto um conjunto intertextual de transposições quanto uma nova caligrafia/iconografia, feita por Kulijaman, ao cabo do texto, quando desenha/escreve o nome Tulupele com padrões do repertório gráfico da cestaria Wayana. Por fim, Cesarino demonstra como o xamã mobiliza, via cantos e desenhos, os duplos que compõem a noção de pessoa marubo para proteger seus parentes, não sendo este ato uma série de artifícios da imaginação do xamã, mas sim de desdobramentos da sua pessoa. Os desenhos dos xamãs analisados pelo autor “existem apenas como transposições de fórmulas verbais que, por sua vez, possuem uma carga visual toda própria e irreduzível às querelas ocidentais em torno da divisão de gêneros e fusões de categorias” (:100).

No segundo subtema do livro, Hugh-Jones (“Escrita nas pedras, escrita no papel (Nordeste da Amazônia)”), Jean-Baptiste Eczet (“Percepção e relação: a expressão do complexo bovino pelos Mursi (Etiópia)”) e Els Lagrou (“Um corpo feito de artefatos: o caso da miçanga”) argumentam também sobre a inadequação das categorias ocidentais de oral e escrita, porém, noutra situação: quando meios semióticos não dispostos no âmbito da linguagem pelo Ocidente – como eram o cordel, o grafismo e os cantos do primeiro grupo –, são inseridos pelos povos não-ocidentais nessas categorias, por exemplo, as paisagens, as percepções e os objetos.

Ao observar relatos míticos de diferentes povos indígenas da região do Alto Rio Negro, Hugh-Jones teoriza que os objetos e diferentes meios iconográficos

também reconvocam memórias, da mesma forma que a escrita, sendo que aquilo que os antropólogos chamam de mito se desenvolveria por meio de diversas formas, inclusive paisagens e grafismos. Portanto, os desenhos nas pedras, cestos, corpos não são complementos dos mitos, mas sim eles mesmos mitos gráficos.

Eczet, por sua vez, descreve os aspectos linguísticos do idioma bovino entre os Mursi (Etiópia), em que humanos e gado correlacionam-se identitariamente em função das cores do couro das vacas. Nele, as descrições das cores das pelagens do gado tratam não apenas de variações cromáticas, mas também de percepções outras, por exemplo, que os levam a utilizar este idioma como localizador linguístico da disposição espaço-temporal da pessoa que por ele é nomeada. Já Lagrou elabora uma reflexão sobre o tratamento das miçangas pelos Kaxinawa ou Huni Kuin. Entendidas como bens dos *Inka* (predadores prototípicos) e dos *Nawa* (estrangeiros colonizadores), as miçangas são retratadas como a quintessência da alteridade, pois “agem sobre o mundo social, coisificando ou tornando visíveis redes de relações” (:76). Ao serem inseridas pelos povos indígenas e, portanto, pacificadas por eles, ultrapassam a fronteira entre linguagens e relações.

Palavras em imagens acrescenta ao debate crítico sobre as tradições oral e escrita, e suas classificações, o pensar sobre as imagens. A relação entre antropólogos brasileiros do Museu Nacional (Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faperj e CNPq), em especial dos projetos coordenados por Carlos Fausto, e estrangeiros, particularmente do grupo do Laboratório de Antropologia Social (LAS – Collège de France, CNRS e EHESS) e do “*Art, Création, Mémoire*”, projeto dirigido por Carlo Severi, viabilizada pelo Programa Saint-Hilaire (2011-2012), de cooperação entre Capes (Brasil) e Cofecub (França) (2007-2010), promoveu a interlocução e a efetivação de reflexões conjuntas, suscitando a publicação de diversos livros, entre os quais: Severi (2007), *Bonhomme* e Severi (2009), Fausto e Severi (2014), e a presente obra.

Isto posto, a compreensão das imagens, pelos autores, se deu dentro de suas respectivas formações acadêmicas, permeadas pelas respectivas reflexões etnográficas, provindas de parcerias com os povos estudados em cada uma delas, que em sintonia com os diálogos do grupo Brasil-França, produziram e produzem modos de reflexão diversos sobre arte e antropologia, pois resultantes dessas várias vozes. Como quimeras, ou seja, representações múltiplas que reúnem variados índices visuais, provindos de diversos seres, em uma única forma (Severi e Lagrou, 2013), os grafismos e objetos dos povos não-ocidentais foram retratados no livro reivindicando um maior cuidado no tratar da oralidade, e da arte, deles.

Ao nosso ver, também como quimera, os autores do livro uniram forças e perspectivas para produzir uma outra ideia de linguagem, para além das classificações oral e escrita. Assim sendo, melhores traduções, por parte dos

antropólogos e das suas antropologias, é a bandeira de *Palavras em imagens*. A existência e potência de mundos que estudamos, só serão compreendidas quando as maneiras como construímos nosso pensamento forem realmente abaladas por elas.

Maria Raquel da Cruz Duran é mestra em Ciência, Tecnologia e Sociedade pela Universidade Federal de São Carlos (2011). Atualmente, realiza doutorado em Antropologia Social na Universidade de São Paulo, sendo pesquisadora do Centro de Estudos Ameríndios (CEstA/USP) e bolsista Capes.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BONHOMME, Julian e SEVERI, Carlo (org.)
2009 *Paroles en acte*. Paris, Éditions de l'Herne.
- FAUSTO, Carlos e SEVERI, Carlo (org.)
2014 *L'Image rituelle*. Paris, Éditions de l'Herne.
- SEVERI, Carlo e LAGROU, Els. (org.)
2013 *Quimeras em diálogo: grafismo e figuração na arte indígena*. Rio de Janeiro, 7 letras, 1ª ed.
- SEVERI, Carlo
2007 [2004] *Le Principe de la chimère. Une Anthropologie de la mémoire*. Paris, Rue d'Ulm.
- VIDAL, Lux (org.)
1992 *Grafismo indígena. Estudos de antropologia estética*. São Paulo, Studio Nobel/Fapesp/Edusp.